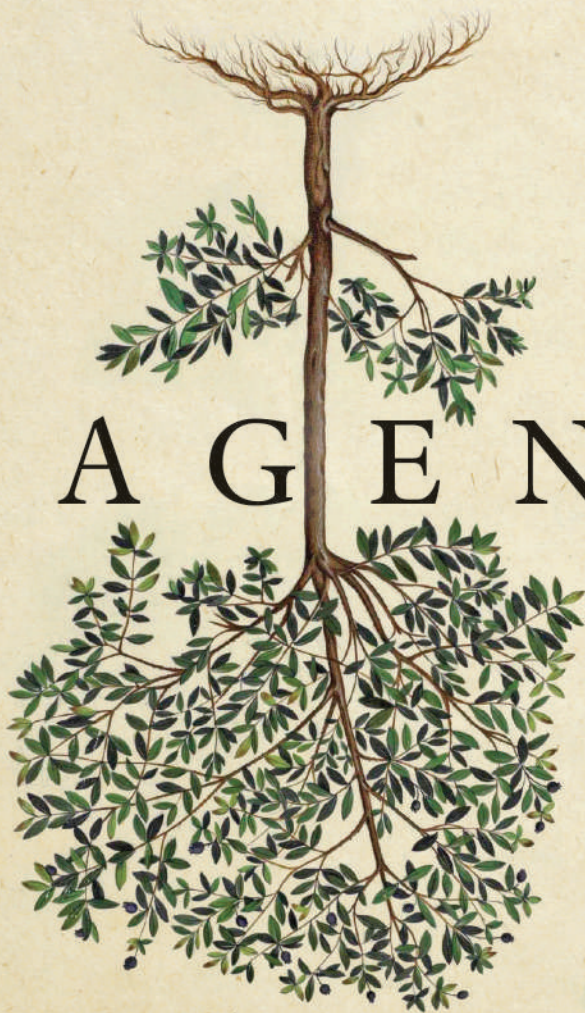


Prémio Internacional Man Booker 2018

OLGA TOKARCZUK

V I A G E N S



«Uma escritora magnífica.»

Svetlana Alexievich,
Prémio Nobel de Literatura



cavalo de ferro

Existo

Tenho apenas alguns anos. Estou sentada no parapeito da janela; em meu redor, há brinquedos espalhados, torres de peças de construção derrubadas, bonecas com olhos esbugalhados. A casa está às escuras e o ar vai arrefecendo lentamente nas divisões. Anoitece. Não há ninguém em casa. Saíram todos, foram-se embora; ainda se ouvem as suas vozes ao longe, o arrastar dos pés, o ecoar dos passos e um riso distante. Pela janela vejo o pátio vazio. A escuridão desce suavemente do céu, cobrindo tudo como orvalho negro.

O mais difícil de suportar é a ausência de movimento, densa e visível: o crepúsculo frio e a ténue luz das lâmpadas de vapor de sódio, que mergulha na escuridão a um metro da sua origem.

Nada acontece. A marcha da escuridão detém-se junto à porta de casa e todo o burburinho do escurecimento se silencia, criando uma camada espessa como a nata do leite fervido a arrefecer. Tendo o céu como pano de fundo, os contornos dos edifícios estendem-se no infinito e perdem lentamente os rebordos, arestas e cantos angulosos. A luz evanescente leva consigo o ar que se torna irrespirável. A escuridão embrenha-se agora na minha pele. Os sons recolheram-se, fecharam os seus olhos de caracol; a orquestra do mundo partiu e desapareceu para o parque.

Aquele final de tarde é a orla do mundo – tacteei-a por acaso e sem querer, quando estava a brincar. Descobri-o porque me deixaram sozinha por um instante e não o acautelaram. Claro está que acabei presa, numa armadilha. Tenho apenas alguns anos, estou sentada no parapeito da janela, observo o pátio frio. As luzes da cozinha da escola estão desligadas. Já se foram todos embora. As lajes de betão do pátio mergulharam na escuridão e deixei de as ver. Portas fechadas, toldos recolhidos, estores descidos. Queria sair, mas não tenho para onde ir. Somente a minha presença adquire agora contornos bem definidos, contornos que estremeçam, ondulam, e isso dói. E, subitamente, descubro a verdade: não há nada a fazer – existo.

O Mundo na Cabeça

A minha primeira viagem, fi-la a pé pelos campos. Só deram pela minha ausência passado muito tempo, o que me permitiu percorrer uma boa distância. Atravessei o parque e depois — por caminhos campestres, entre milheirais e prados húmidos, repletos de malmequeres-dos-brejos, enxadrezados pelos canais — cheguei ao rio. Se bem que o rio estivesse presente em todo e qualquer lugar daquele vale, infiltrando-se sob a camada de ervas, cingindo os campos.

Quando me empoleirei no dique, avistei uma faixa em movimento, um caminho que se estendia para além daquele enquadramento, para além do mundo. Quem tivesse sorte, poderia ainda ver barcas e barcaças, largas e pouco fundas, que navegavam numa e noutra direção, sem se importarem com as margens, as árvores e as pessoas paradas sobre o dique, quiçá vistas como marcos de orientação instáveis, desmerecedores de atenção, meras testemunhas daquele movimento cheio de graciosidade. Eu sonhava, quando fosse grande, trabalhar numa barca daquelas, ou, melhor ainda, tornar-me uma barca.

Não era um rio muito grande, apenas o Oder, mas, naquela altura, eu também era pequena. O Oder tinha o seu lugar na hierarquia dos rios, o que constatei mais tarde nos mapas, um lugar bastante secundário, mas perceptível, como o de um visconde da província na corte do rei Amazonas. Para mim, porém, era o suficiente, parecia-me enorme. Fluía como queria, havia muito que não era regulado, pelo que era propenso a inundações, imprevisível. Em alguns lugares perto da margem, embaraçava-se em obstáculos submersos e, à tona de água, surgiam então redemoinhos. Fluía, desfilava, ocupado com o seu destino oculto para além da linha do horizonte, algures distante a norte. Era impossível fixar o olhar na água, que o arrastava para lá do horizonte e nos fazia perder o equilíbrio.

Não reparava em mim, ocupado que estava consigo mesmo, transportando aquelas águas móveis, peregrinas, nas quais não se pode entrar duas vezes, conforme aprendi mais tarde.

Cobrava, todos os anos, um elevado preço por suportar o peso daquelas embarcações: todos os anos, alguém morria afogado nas suas águas, ora

uma criança que tomava banho nos dias escaldantes do Verão, ora um bêbedo que, cambaleando na ponte, por obra do acaso e apesar do gradeamento, caía no rio. Os afogados eram sempre alvo de buscas com alarido e durante muito tempo, o que mantinha toda a vizinhança em grande ansiedade. Eram, então, mobilizados mergulhadores e barcos militares a motor. De acordo com os depoimentos dos adultos, os corpos recuperados encontravam-se inchados e pálidos – a água enxaguava todo e qualquer sinal de vida, apagando de tal modo os traços do rosto que os familiares tinham dificuldade em reconhecer os cadáveres.

Debruçada no topo do dique, fitando a corrente, dei-me conta de que, apesar de todos os perigos, tudo o que está em movimento é sempre melhor do que aquilo que está em repouso, que a mudança é mais nobre do que a estabilidade, que tudo o que estagna acabará por sofrer decomposição, degeneração e transformar-se-á em pó, enquanto aquilo que está em movimento consegue durar eternamente. Desde então, o rio tornou-se uma agulha espetada no meu mundo, seguro e estável, do parque, das estufas onde em fileiras envergonhadas cresciam hortaliças, e da calçada de lajes de betão, onde se brincava à macaca. Essa agulha perfurava-me a visão do mundo de lado a lado, demarcava em linha vertical uma terceira dimensão; fazia nela um buraco e o mundo infantil surgia meramente como um brinquedo de borracha do qual o ar escapava com um silvo.

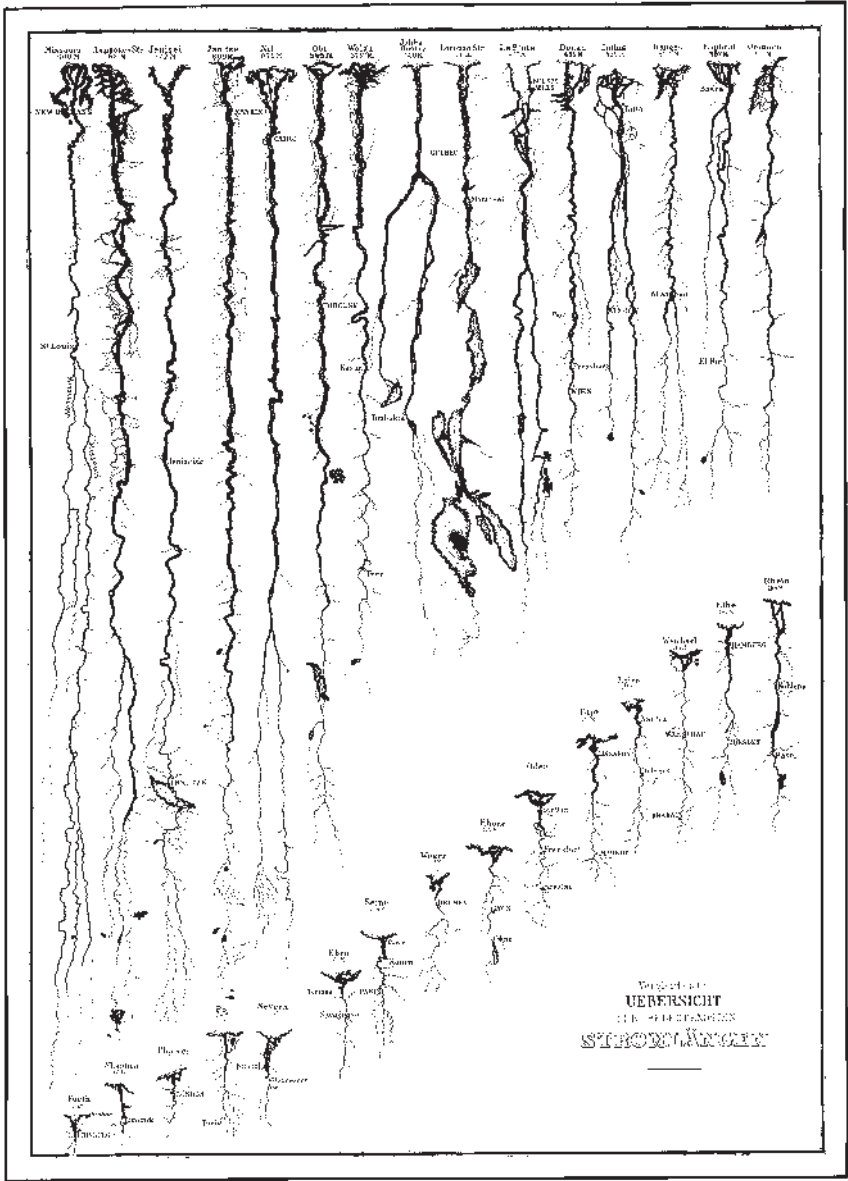
Os meus pais não pertenciam a uma tribo totalmente sedentária. Várias vezes, mudaram de casa e de terra, até que, por fim, se estabeleceram mais demoradamente nas proximidades de uma escola de província, longe de uma estrada decente ou de uma estação ferroviária. Para eles, ultrapassar a raia entre as courelas ou ir à vila já era por si só uma viagem – fazer compras, entregar papéis na junta de freguesia, ir sempre ao mesmo cabeleireiro que ficava junto à câmara e se vestia sempre com a mesma bata, lavada e branqueada em vão porque as tintas dos cabelos das clientes deixavam nódoas inapagáveis que mais pareciam hieróglifos ou caracteres chineses. Enquanto a minha mãe pintava o cabelo, o meu pai esperava por ela no café Nowa, sentado a uma das duas mesas da esplanada. Lia o jornal da terra, onde a rubrica criminal era sempre a mais interessante por causa das notícias de roubos de frascos de doces ou de pepinos de conserva.

Já as férias eram assustadoras. Começavam no interior do *Škoda* carregado até ao tejadilho. Essas viagens eram longamente preparadas e planeadas ao serão, no início da Primavera, quando a neve começava a derreter e a terra ainda não estava pronta, sendo preciso esperar que, por fim, oferecesse o seu corpo a arados e enxadas para se poder semear – nesta altura, os meus pais ficavam ocupados de manhã à noite.

Pertenciam à geração que viajava com reboques de campismo e levava consigo uma amostra da casa. Um fogareiro a gás, mesinhas e cadeiras desdobráveis. Uma corda de plástico e molas de madeira para pendurar a roupa lavada nas paragens que faziam. Toalhas de plástico para a mesa, à prova de água. Um conjunto turístico para piqueniques – pratos de plástico às cores, talheres, saleiro e pimenteiro e copos.

O meu pai comprara algures pelo caminho, numa das feiras da ladra que ele e a minha mãe tanto gostavam de frequentar (quando não tiravam fotografias junto a igrejas e monumentos), uma chaleira militar, um utensílio de cobre, um apetrecho com um tubo no meio, dentro do qual se colocava uma mão-cheia de pauzinhos que depois se ateavam. E, muito embora nos parques de campismo se pudesse usar electricidade, o meu pai fazia questão de ferver a água naquela chaleira, que fumegava e sujava tudo em redor. Ajoelhava-se sobre aquele utensílio e, orgulhoso, punha-se à escuta do gorgolejo da água a ferver que depois vertia sobre as saquetas de chá – era um verdadeiro nómada.

Acampavam em lugares marcados, nos parques de campismo, sempre na companhia de pessoas iguais a eles, vizinhos, com quem mantinham conversas por cima das meias que secavam nas cordas das tendas. Estabeleciam itinerários de viagem com a ajuda de guias que assinalavam cuidadosamente as atracções turísticas. Até ao meio-dia, tomavam banho no mar ou no lago e, na parte da tarde, faziam excursões aos monumentos antigos das cidades mais próximas. Tudo isto culminava com um jantar, na maioria das vezes confeccionado a partir de frascos de conservas: gulache, hambúrgueres, almôndegas em molho de tomate. Só era preciso cozer massa ou arroz. Cortavam nos custos sempre que podiam – o zlóti era fraco; era o tostão do mundo. Procuravam um lugar onde houvesse acesso à electricidade e, logo a seguir, faziam



UEBERSICHT
 DER STROHMÄNDELN
 STROMMÄNDELN

as malas a contragosto para marchar em frente; porém, sempre na órbita metafísica da sua casa. Os meus pais não eram verdadeiros viajantes porque viajavam para regressar. E era com alívio que voltavam, com a sensação de dever cumprido. Regressavam para recolher da cómoda a pilha de cartas e de contas para pagar entretanto acumulada. Para fazer uma grande barrela. Para entediar de morte os amigos que disfarçadamente bocejavam com o interminável desfile de fotografias. «Olha aqui, nós em Carcassonne.» «Olha aqui, a minha mulher com a Acrópole ao fundo.»

Depois, durante todo o ano, levavam uma vida sedentária, aquela vida estranha, em que de manhã se regressa àquilo que se largou à noite, em que a roupa ganha o cheiro da casa e os pés incansáveis sulcam um trilho na carpete de tanto a pisarem.

Aquela vida não era para mim. Pelos vistos, não herdei o gene que faz com que as pessoas criem raízes quando permanecem muito tempo no mesmo lugar. Já tentei várias vezes, mas as minhas raízes são sempre superficiais e qualquer brisa é capaz de me arrancar à terra. Não sou capaz de germinar, fui desprovida dessa faculdade vegetal. Não absorvo as seivas da terra, sou o oposto de Anteu. A minha energia provém do movimento – da trepidação dos autocarros, da zoadeira dos aviões, da oscilação dos comboios e dos barcos.

Sou pequena e compacta. Tenho um estômago pouco exigente, pulmões fortes, a barriga firme e os músculos dos braços robustos. Não tomo medicamentos, nem sequer a pílula, e não uso óculos. Corto o cabelo à máquina, de três em três meses, e praticamente não uso maquilhagem. Tenho dentes saudáveis; talvez não sejam muito regulares, mas estão inteiros e só tenho um chumbo antigo, se bem me lembro no molar número seis, no lado esquerdo inferior da boca. Fígado normal. Pâncreas normal. O rim esquerdo e o direito em excelente estado. A minha aorta abdominal está dentro da normalidade. A bexiga funciona bem. Hemoglobina – 12,7. Leucócitos – 4,5. Hematócrito – 41,6. Plaquetas – 228. Colesterol – 204. Creatinina – 1,0. Bilirrubina – 4,2 e assim por diante. O meu QI – para quem acredita nestas coisas – 121; é quanto basta. Posuo uma capacidade de visualização espacial particularmente desenvolvida, quase eidética; em contrapartida, fraca lateralização. Perfil de personalidade instável, ou talvez não totalmente fiável. Idade é uma questão psicológica. Género gramatical. Prefiro comprar livros

com capas moles para não ter pena de os deixar nas estações de comboios para outros lerem. Não coleciono nada.

Concluí estudos superiores, mas nunca cheguei a aprender realmente qualquer profissão, o que lamento. O meu bisavô era tecelão, branqueava os panos que tecia, estendendo-os numa encosta e expondo-os aos fortes raios solares. Muito me agradaria a ideia de entrelaçar os fios de urdidura e de trama, mas não existem teares portáteis e a tecelagem é um ofício de povos sedentários. Quando viajo, faço tricô. Infelizmente, nos últimos tempos, algumas linhas aéreas proibiram o transporte de agulhas de tricô e de croché a bordo. Não aprendi, como já disse, qualquer ofício, mas, contrariamente ao que os meus pais não se cansavam de repetir, consegui sobreviver, atirando-me, pelo caminho, a diversos biscates sem nunca ter batido no fundo.

Após uma experiência romântica de vinte anos, os meus pais regressaram à cidade, cansados das secas e das geadas, da comida saudável que adoecia durante o Inverno na cave, da lã das suas próprias ovelhas cuidadosamente enfiada pelas gargantas cavernosas de almofadas e edredões. Deram-me então algum dinheiro e, pela primeira vez, pus-me a caminho pelo mundo fora.

Aonde quer que chegasse, arranjava trabalho temporário. Instalei antenas em iates de luxo, para uma fábrica internacional nos arredores de uma grande metrópole. Havia lá muitas pessoas como eu. Éramos contratados clandestinamente, sem nos perguntarem de onde vínhamos ou que planos tínhamos para o futuro. Na sexta-feira, recebíamos o pagamento e quem ficasse descontente já não aparecia na segunda-feira. Havia futuros estudantes universitários aproveitando o intervalo entre os exames do secundário e os de aptidão às faculdades. Imigrantes continuamente em busca do país ideal e justo, algures no Ocidente, onde as pessoas são irmãos e irmãs e o estado é forte e faz o papel de um pai protector. Fugitivos das suas famílias – das mulheres, dos maridos, dos pais. Apaixonados infelizes, despistados, melancólicos e gente eternamente com frio. Gente perseguida pela lei por não conseguir pagar os empréstimos contraídos. Deambulantes, vagabundos. Loucos que, depois das recaídas, eram levados para o hospital, de onde, por força de regras e regulamentos pouco claros, eram deportados para os países de origem.

A única pessoa que ali trabalhava permanentemente, havia anos, era um indiano; mas, a bem dizer, a sua situação em nada era diferente da nossa. Não tinha seguro, nem férias. Trabalhava em silêncio, pacientemente e a um ritmo constante. Nunca se atrasava e não via motivos para faltar ao trabalho. Tentei convencer algumas pessoas a formar um sindicato – eram os tempos do Solidariedade – nem que fosse só para ele, mas ele próprio não quis. Ainda assim, sensibilizado pelo meu interesse, oferecia-me todos os dias um prato de caril picante que trazia na marmita. Já não me lembro como se chamava.

Também fui empregada de mesa, camareira num hotel de luxo e ama. Fui vendedora de livros e bilhetes. Trabalhei como guarda-roupa num pequeno teatro durante uma temporada e, graças a isso, sobrevivi a um longo Inverno por entre reposteiros de veludo, fatos pesados, capas de cetim e perucas. Depois de ter concluído os estudos universitários, também trabalhei como professora, como consultora e, mais recentemente, numa biblioteca. Sempre que consegui arrecadar algum dinheiro, pus-me a caminho pelo mundo fora.

A Cabeça no Mundo

Estudei Psicologia numa grande e soturna cidade comunista. O meu departamento ficava num edifício que, durante a guerra, fora a sede de uma unidade das SS. Essa zona da cidade, construída sobre as ruínas do gueto, era facilmente reconhecível, sobretudo quando observada com cuidado, já que o bairro se situava cerca de um metro acima das restantes partes da cidade. Um metro de escombros. Nunca me senti bem ali; por entre aqueles prédios novos e aquelas pracetas pobres, o vento não cessava de soprar e o ar frio, particularmente doloroso, parecia queimar o rosto. No fundo e apesar das novas edificações, aquele lugar continuava a pertencer aos mortos. Ainda hoje sonho com o edifício da faculdade, com os seus largos corredores, que pareciam escavados em rocha, calcorreados por pés anónimos, com os cantos desgastados dos degraus das escadas, com os corrimãos polidos à força da passagem das mãos e com outros vestígios gravados no espaço. Talvez fosse por isso que éramos assombrados por fantasmas.

Quando largávamos os ratos no labirinto, havia sempre um cujo comportamento contrariava a teoria, que não ligava nenhuma às nossas brilhantes hipóteses. Punha-se de pé nas patas traseiras sem se interessar minimamente pela recompensa que o aguardava no final daquele trajecto experimental. Indiferente aos privilégios do reflexo de Pavlov, varria-nos com o olhar e, depois, dava meia-volta ou, sem pressa, entregava-se à inspecção do labirinto. Buscava algo nos corredores laterais, procurava chamar a si as atenções. Chiava, desorientado e, nessa altura, as raparigas – infringindo todas as regras – tiravam-no do labirinto e acolhiam-no nas mãos.

Os músculos de uma rã morta e distendida dobravam-se e esticavam-se por força de impulsos eléctricos de uma maneira, até então, não descrita nos nossos manuais. Com as extremidades, efectuavam claros gestos de ameaça e de escárnio, enviando-nos sinais que contradiziam a crença consagrada de que os reflexos fisiológicos eram puramente mecânicos.

Na faculdade, ensinaram-nos que era possível descrever o mundo e, inclusivamente, explicá-lo por meio de respostas simples a perguntas inteligentes. Que, na sua essência, o mundo era inerte e morto, regido por leis bastante simples, as quais deviam ser explicadas e apresentadas, de preferência, através do uso de diagramas. Exigiam-nos experiências, bem como a formulação de hipóteses e a sua verificação. Iniciaram-nos nos arcanos da Estatística e ensinaram-nos a acreditar que, através da sua aplicação, todas as regularidades do mundo podiam ser perfeitamente descritas – que noventa por cento é mais significativo que cinco por cento.

Porém, hoje, uma coisa eu sei: todo aquele que procura a ordem deve evitar a Psicologia. Que se dedique antes à Fisiologia ou à Teologia, campos em que, pelo menos, terá fortes fundamentos, quer se trate da matéria quer da alma, e não incorrerá nos riscos do terreno escorregadio do Psiquismo. A psique é um objecto de investigação muito instável.

Tinham razão aqueles que afirmavam que quem decidia estudar Psicologia não o fazia por causa da futura profissão, por curiosidade ou por vocação para ajudar os outros, mas sim por uma outra razão, muito simples. A minha suspeita é a de que todos tínhamos um defeito

profundamente oculto, ainda que todos aparentássemos ser jovens inteligentes e saudáveis. Era um defeito bem disfarçado, habilmente camuflado nos exames de admissão à faculdade. Um emaranhado de emoções finamente urdido, encasulado tal como aqueles estranhos tumores que, às vezes, se encontram nos corpos humanos e podem ser observados em qualquer museu de anatomopatologia que se preze. E quem sabe se os nossos examinadores não eram também pessoas do mesmo género e sabiam muito bem o que faziam quando nos seleccionavam? Assim, seríamos seus herdeiros. Quando, no segundo ano do curso, discutíamos o funcionamento dos mecanismos de defesa, descobrimos, admirados, o poder dessa parte da nossa psique. Começámos então a compreender que, se não houvesse racionalização, sublimação, repressão e todas aquelas artimanhas que usamos para mantermos o equilíbrio psicológico, e se tivéssemos de olhar o mundo sem quaisquer filtros, honesta e corajosamente, os nossos corações despedaçar-se-iam.

No curso, aprendemos que somos feitos de defesas, de escudos e de armaduras, que somos cidades, cuja arquitectura é formada por muros, bastiões e fortificações, e que somos estados repletos de *bunkers*.

Realizávamos todos os testes, entrevistas e experiências uns nos outros, pelo que, no final do terceiro ano do curso, eu já era capaz de dizer o nome do mal que me afligia. Foi como quem descobre o seu nome próprio secreto, o nome através do qual se entra na iniciação.

Não trabalhei muito tempo na minha área de formação. Durante uma das minhas viagens, em que me encontrei sem dinheiro numa grande cidade e tive de trabalhar como camareira, comecei a escrever um livro. Era uma narrativa para ler em viagem, num comboio, um livro escrito como se fosse para mim. Um livro do tipo *snack* para comer de uma só vez, sem mastigar.

Conseguia concentrar-me devidamente para me tornar momentaneamente um gigantesco ouvido pronto a escutar murmúrios, ecos e sussurros, bem como vozes distantes vindas por detrás das paredes. Todavia, nunca me tornei uma verdadeira escritora; ou talvez seja melhor dizer escritor porque, neste género, a palavra tem uma conotação mais séria. A mim, a vida escapava-se-me sempre por entre os dedos.

Só me deparava com os seus vestígios, com a sua pele descartada. Quando, por fim, estava prestes a localizar a sua posição, ela já estava noutra lugar e eu encontrava apenas sinais da sua passagem, tal como aquelas inscrições gravadas na casca das árvores dos parques: «Estive aqui.» Na minha escrita, a vida transformava-se em histórias incompletas, relatos oníricos, enredos confusos; aparecia à distância em perspectivas invulgares e diferidas, ou em cortes transversais e, por conseguinte, era difícil tirar conclusões relativamente à totalidade.

Todo aquele que alguma vez tenha tentado escrever um romance sabe que é uma árdua tarefa e, sem dúvida, uma das piores formas de auto-subsistência. Durante todo esse tempo, é preciso permanecer fechado em si mesmo, como numa cela individual, na mais completa solidão. Vive-se uma psicose controlada, uma mistura de paranóia e obsessão, compelidas a trabalhar em conjunto; a escrita não precisa de penas de ganso, nem de crinolinas sob as saias, nem de máscaras venezianas que tanto lhe associamos e, isso sim, de aventais de açougueiro, botas de borracha e, na mão, uma faca para estripar. Da cave do escritor, vêem-se apenas as pernas dos transeuntes e ouve-se o batuque dos saltos dos sapatos na calçada. Às vezes, há quem pare para se baixar e deitar uma vista de olhos para o interior da cave, podendo ver um rosto humano e até trocar algumas palavras. Todavia, a mente está essencialmente ocupada com o seu acto, uma peça que ela mesma desenrola à sua frente, num *panopticum* – um gabinete de curiosidades, esboçado à pressa, pelo qual distribuí umas quantas figurinhas num palco provisório: o autor e o herói, a narradora e a leitora, aquele que descreve e aquela que é descrita; pés, sapatos e saltos, e os rostos que, mais cedo ou mais tarde, se tornarão parte integrante desse acto.

Não me arrependo de me ter deixado encantar por esta ocupação singular, tanto mais que não tinha vocação para psicóloga. Nunca fui capaz de encontrar explicações, nem de resgatar dos recantos obscuros do inconsciente antigos retratos de família. E, por mais que me custe, tenho de admitir que as confidências dos outros amiúde me entediavam. Com toda a sinceridade, confesso que, várias vezes, preferia ter invertido os papéis e começar a falar de mim. Tinha de me controlar para não agarrar, de repente, uma paciente pela manga, interrompendo-a a meio de uma frase para exclamar: «O que é que está para aí a dizer?

Pois eu acho que é precisamente ao contrário! Até sonhei com isso! Faça o favor de me ouvir...» Ou, então: «O senhor não faz ideia do que é a insónia! E isso é um ataque de pânico? Deixe-se de brincadeiras. O meu último ataque de pânico, esse, sim...»

Eu não sabia ouvir os outros. Não respeitava os limites, incorria em processos de transferência. Não acreditava na Estatística, nem na verificação das teorias. O postulado «um ser humano – uma personalidade» sempre me parecera excessivamente minimalista. Eu tinha tendência para desfocar evidências, pôr em causa argumentos irrefutáveis – era um vício meu, uma perversa ginástica mental do meu cérebro, um prazer subtil que me permitia experimentar sobressaltos interiores. Tinha tendência para lançar olhares desconfiados a todo e qualquer juízo, para os saborear sob a língua e, no fim, chegar à já esperada descoberta de que nenhum deles é verdadeiro e todos são falsos, contrafeitos. Eu não queria ter visões definitivas, o que seria uma bagagem desnecessária. Em debates, ora apoiava um partido, ora outro, ciente de que, por causa disso, os meus interlocutores não gostavam de mim. Era testemunha de um estranho fenómeno, ocorrido na minha cabeça: quanto mais argumentos «a favor» eu encontrava, tanto mais me ocorriam argumentos «contra» e, quanto mais me inclinava para os primeiros, tanto mais os segundos me atraíam.

Como poderia eu examinar as outras pessoas, se eu própria tinha dificuldade em resolver os testes? Questionários da personalidade, inquéritos e perguntas de escolha múltipla pareciam-me demasiado difíceis. Depressa descobri as minhas limitações e, por isso, ainda na faculdade, quando nos submetíamos mutuamente a esses testes, nas aulas práticas, costumava dar respostas aleatórias, à toa. Daqui resultavam perfis estranhos – curvas traçadas no eixo das coordenadas. «Acreditas que a melhor decisão é aquela que se pode mudar mais facilmente?» Se acredito? Que decisão? Mudar? Quando? O que quer dizer mais facilmente? «Ao entrar numa sala, preferes ocupar um lugar mais central ou mais periférico?» Que sala? E quando? E essa sala está vazia? Ou tem sofás de veludo vermelho, encostados às paredes? E as janelas – que vista têm? E quanto a perguntas sobre livros: prefiro ler em vez de ir a uma festa ou isso depende do livro e da festa?

Mas que metodologia! Assume-se tacitamente que o ser humano não se conhece a si próprio, mas, se lhe colocarmos as devidas perguntas com a devida astúcia, ele próprio será capaz de se auto-examinar. Ele próprio fará as perguntas e dará as respostas. E, assim, distraidamente revelará a si mesmo um segredo que é seu e do qual nada sabia.

Já o segundo postulado é extremamente perigoso – somos constantes e as nossas reacções são previsíveis.

A Síndrome

As crónicas das minhas viagens não serão mais do que a narração de um mal-estar. Sofro de uma síndrome que, sem dificuldade, se encontra em todos os manuais de síndromes clínicas e que – conforme diz a literatura da especialidade – é cada vez mais frequente. O melhor é consultar um exemplar da antiga edição (dos anos 1970) de *The Clinical Syndromes*, uma espécie de enciclopédia de síndromes que, para mim, é aliás uma inesgotável fonte de inspiração. Haverá ainda alguém que ouse descrever o ser humano na sua totalidade, de uma maneira tão geral e objectiva? Alguém que empregue o conceito de personalidade com toda a convicção? Alguém que avance com uma tipologia convincente? Não creio. O conceito de síndrome encaixa que nem uma luva na Psicologia da Viagem. Esta síndrome é pequena, portátil, episódica e não está ligada a quaisquer teorias estabelecidas. Com ela, algumas coisas podem ser explicadas e, depois, podemos deitá-la para o caixote do lixo. É um instrumento cognitivo descartável.

A minha síndrome chama-se Síndrome da Desintoxicação Recorrente. Se tivéssemos de a definir directamente e sem idealização, diríamos apenas que a sua essência reside no retorno obstinado da consciência a certas ideias ou até na busca compulsiva das mesmas. Trata-se de uma variação da Síndrome do Mundo Cruel (*The Mean World Syndrome*), muito bem descrita, nos últimos tempos, na literatura neuropsicológica, como infecção aguda causada pelos meios de comunicação social. No fundo, é uma enfermidade muito burguesa. O paciente passa horas a fio diante da televisão e, com o telecomando, muda de canal em busca daqueles que transmitem as notícias mais horrorosas: guerras,

epidemias e catástrofes. Fascinado com o que vê, não consegue desviar dali o seu olhar.

Os sintomas em si não são perigosos e permitem viver em paz e sossego na condição de que se consiga manter a devida distância. Esta enfermidade desagradável não tem cura e, neste caso, a ciência cinge-se à amarga constatação da própria existência da síndrome. Quando, por fim, o paciente, assustado consigo mesmo, procura o consultório do psiquiatra, este prescreve-lhe um tipo de vida mais saudável: deixar de tomar café e álcool, dormir num quarto bem arejado, fazer jardinagem, fazer tecelagem ou tricotar.

O conjunto dos meus sintomas consiste na atracção que sinto por tudo o que está estragado e rachado, e por tudo o que é imperfeito e defeituoso. Tenho particular interesse por formas imperfeitas, erros na criação, becos sem saída. Por tudo aquilo que deveria desenvolver-se e que, por qualquer motivo, ficou atrofiado ou, pelo contrário, excedeu as medidas previstas. Por tudo o que escapa à norma, que é demasiado pequeno ou demasiado grande, exuberante ou incompleto, monstruoso e repugnante. Formas que não obedecem à simetria, que se multiplicam, que rebentam pelas costuras, que desabrocham por todos os lados ou que, pelo contrário, reduzem a diversidade à uniformidade. Não tenho qualquer interesse por acontecimentos que se repetem, aqueles que são atentamente tratados pela Estatística e que todos celebram com um sorriso feliz e familiar no rosto. A minha fraqueza é pela teratologia e pelas aberrações. Nutro a convicção, constante e cansativa, de que é precisamente no campo das anomalias que o verdadeiro ser vem à superfície e revela a sua natureza. Num descerramento repentino e casual. Num envergonhado «ups», a orla de um saiote que se vê debaixo de uma saia cuidadosamente plissada; num horrendo esqueleto metálico que, subitamente, emerge debaixo dos estofos de veludo; na erupção de uma mola num cadeirão de veludo que descaradamente desmascara qualquer ilusão de suavidade.

Gabinete de Curiosidades

Nunca fui pessoa de visitar museus de arte e, se dependesse de mim, transformá-los-ia de bom grado em gabinetes de curiosidades, onde se reúne e exhibe aquilo que é raro e único, bizarro e monstruoso. Aquilo que só existe nas sombras da consciência e que escapa ao campo de visão quando se olha para lá. Sim, com certeza que sofro desta lastimável síndrome. Não me sinto atraída pelas grandes colecções dos centros das cidades e, isso sim, por aquelas pequenas colecções, frequentemente acolhidas pelos hospitais, muitas vezes relegadas para as suas caves por não serem dignas dos conceituados locais de exposições e por indiciarem o gosto duvidoso dos antigos coleccionadores. Uma salamandra com duas caudas conservada num frasco oval, com a cabeça virada para cima, à espera do Dia do Juízo Final, dia em que todos os seres preservados para a posteridade ressuscitarão por fim. O rim de um golfinho conservado em formol. O crânio de uma ovelha com dois focinhos, uma pura anomalia com o dobro dos olhos e das orelhas, belo como a imagem de um deus da Antiguidade, símbolo da natureza dual. Um feto humano enfeitado com um colar de contas e uma legenda escrita com esmerada caligrafia: *Fetus Aethiopsis 5 mensium*. Aberrações da natureza, colecionadas ao longo dos anos, seres bicéfalos e seres sem cabeça, que não chegaram a nascer e que flutuam sonolentemente em soluções de formaldeído. Ou, então, o exemplar do *Cephalothoracopagus Monosymetro*, exposto ainda hoje num museu da Pensilvânia, um feto com uma cabeça e dois corpos, cuja morfologia patológica põe em causa os fundamentos da lógica, ao asseverar $1 = 2$. E, por último, uma comovente amostra culinária caseira: uma conserva de maçãs colhidas em 1848, adormecidas em álcool, todas elas bizarras, com formas anormais. Pelos vistos, alguém considerou que aqueles caprichos da natureza mereciam ser imortalizados e que só aquilo que é diferente perdurar.

É precisamente isto que me move pacientemente nas minhas viagens – rastrear erros da criação e desacertos da natureza.

Aprendi a escrever em comboios, hotéis e salas de espera. Sobre mesinhas retrácteis dos aviões. Tiro apontamentos durante o almoço, debaixo da mesa, ou em casas de banho. Escrevo nas escadas dos museus,

nos cafés e no carro, encostado à berma da estrada. Tomo notas em pedacinhos de papel, em blocos de notas, em postais ilustrados, na pele da outra mão, em guardanapos, nas margens das páginas dos livros. Na maioria das vezes, são apenas frases curtas ou modestos esboços, mas, às vezes, também transcrevo excertos tirados de jornais. Uma vez ou outra, sou atraída por uma figura na multidão e, nessa altura, desvio-me do meu trajecto para ir atrás dela por um momento e começar a tecer uma história. É um bom método – estou a aperfeiçoá-lo. A cada ano que passa, o tempo faz-se meu aliado, tal como para toda a mulher: tornei-me invisível, transparente. Posso movimentar-me como um fantasma, olhar para as pessoas por cima dos ombros delas, escutar as suas brigas e observá-las a dormir com a cabeça apoiada na mochila, a falar umas com as outras, alheias à minha presença, mexendo apenas os lábios, articulando palavras que eu logo hei-de proferir por elas.

Ver é Saber

O objectivo da minha peregrinação é sempre encontrar outro peregrino. Desta vez, ele é disforme e encontra-se dividido em partes.

Aqui, por exemplo, agruparam-se alguns ossos, mas somente ossos que apresentam defeito: colunas vertebrais tortas, costelas extraídas de corpos igualmente retorcidos, que foram devidamente preparadas, dissecadas e até envernizadas. Um letreiro com um número ajuda-nos a encontrar o nome da enfermidade descrita em registos há muito desaparecidos. A bem ver, qual é, pois, a durabilidade do papel em comparação com a dos ossos? Mais valia a informação ter sido logo escrita nos ossos.

Eis, aqui, por exemplo, um fémur que, por curiosidade, alguém serrou na longitudinal para ver o que havia lá dentro. Terá certamente ficado desiludido com o que viu no seu interior, pois atou ambas as partes com um cordel de cânhamo e, já a pensar noutra coisa, voltou a colocar o fémur no expositor.

Neste expositor, encontram-se dezenas de pessoas que nunca se conheceram, separadas umas das outras no tempo e no espaço, mas que,

agora, se encontram juntas no mesmo belo caixão, espaçoso e seco, bem iluminado, condenadas à eternidade museológica, despertando a inveja de outros ossos, remetidos para a eterna luta-livre com a terra. E será que alguns destes ossos, ossos católicos, não se preocupam com como hão-de reencontrar-se todos com o todo respectivo no Dia do Juízo Final, pois, estando dispersos, como hão-de reconstruir aquele corpo que cometeu pecados e praticou boas acções?

Caveiras com protuberâncias de todos os tamanhos e feitios, perfuradas por balas, esburacadas, atrofiadas. Ossos de mãos, atacadas por reumatismo. Um braço fracturado em partes diferentes, consolidadas naturalmente ao acaso; uma dor crónica fossilizada.

Ossos longos demasiado curtos e ossos pequenos demasiado grandes, tuberculiformes, cobertos de padrões que os modificaram; poder-se-ia pensar que tinham sido corroídos pelo caruncho. Pobres caveiras humanas, dispostas no interior de expositores vitorianos iluminados, onde, arreganhadas, exibem a sua própria dentadura. Esta aqui, por exemplo, tem um grande buraco no meio da testa mas, em compensação, uns belos dentes. Será que aquele furo foi mortal? Não forçosamente. Certo homem, um engenheiro que estava a construir uma linha de caminho-de-ferro, foi atingido por uma vara de metal que lhe perfurou o cérebro e assim viveu, com essa ferida, durante muitos anos, tendo evidentemente prestado um grande serviço à neuropsicologia que, à data, proclamava a quem quisesse ouvir que existimos apenas no interior do nosso cérebro. O engenheiro não morreu, mas mudou muito. Foi como se se tornasse outra pessoa. E, visto que a nossa maneira de ser depende do cérebro, passemos logo para o hemisfério esquerdo e para o corredor entre os cérebros. Aqui estão eles! Cérebros, branco-amarelados, quais anémonas-do-mar, mergulhados numa solução, grandes e pequenos, uns geniais e outros incapazes de contar até dois.

Mais adiante, há um sector destinado a fetos, seres humanos em miniatura, espécimes semelhantes a bonequinhas; tudo tão miniaturizado que um ser humano cabe dentro de um frasquinho. E os mais novos, embriões que mal se vêem, são como alevinos e girinos, pendurados em fios de crina de cavalo em soluções de formaldeído. Já os maiores dão-nos a ver a ordem reinante no corpo humano e o seu maravilhoso invólucro. Pedacinhos de gente, que não chegou a ser gente,

bebês semi-hominídeos, cujas vidas nunca ultrapassaram a mágica fronteira da potencialidade. Têm forma humana, mas não cresceram o suficiente para ganhar alma; é possível que a presença da alma esteja de alguma maneira ligada ao tamanho da forma. Neles, com uma persistência sonolenta, a matéria começara a organizar-se para viver, a formar tecidos, a estabelecer relações entre os órgãos, a consolidar-se em rede; já dera início aos trabalhos sobre os olhos e preparara os pulmões, apesar de o caminho até à luz e até ao ar ser ainda muito longo.

Na bancada seguinte, os mesmos órgãos, porém, já maduros, felizes por as circunstâncias lhes terem permitido crescer até que alcançassem os devidos tamanhos. Devidos? Como haveriam de saber qual era o seu tamanho? Quando parar de crescer? Alguns não sabiam; por exemplo, houve uns intestinos que cresceram e cresceram tanto que os nossos professores tiveram dificuldade em encontrar um frasco onde coubessem. E mais difícil ainda é imaginar como terão cabido aqueles intestinos na barriga do homem que figura no letreiro sob a forma de iniciais.

O coração. Todo o seu mistério foi para sempre desvendado – não passa de uma massa informe do tamanho de um punho cerrado, de uma cor creme acinzentada. Porque esta é justamente a cor do nosso corpo, uma cor creme acinzentada, castanha acinzentada, feia – é preciso não esquecer. Não haveríamos de querer paredes dessa cor na nossa casa, nem de ter um carro com uma cor daquelas. É a cor das nossas entranhas, da escuridão, dos lugares onde o sol não chega, onde, perante olhares alheios, a matéria se esconde na humidade para não ter de se exhibir. A única extravagância permitida foi a do sangue; o sangue tem a função de ser um aviso e a sua cor vermelha de ser um alerta de que a concha do nosso corpo se abriu, que a malha dos seus tecidos se rompeu.

Na realidade, o interior do nosso corpo é desprovido de cor. Quando o coração bombeia o sangue, este mais parece ranho.

Sete Anos de Viagem

– Todos os anos, uma viagem. Há sete anos que é assim, desde que casámos – contava, num comboio, um homem novo, com um sobretudo preto e elegante e uma pasta dura e preta que fazia lembrar as maletas sofisticadas dos conjuntos de talheres.

– Temos imensas fotografias – explicava –, ordenadas como deve ser. Sul de França, Tunísia, Turquia, Itália, Creta, Croácia e até Escandinávia.

Contava que costumavam ver as fotografias várias vezes: primeiro com a família, a seguir no trabalho e, depois, com os amigos. Por fim, as fotografias ficavam anos a fio em segurança, zelosamente guardadas em micas como se fossem provas no cofre de um detective, provas de que «estivemos lá».

Ficou pensativo e olhou pela janela para as paisagens que, como que atrasadas, fugiam para outros lugares. Não terá ficado a pensar: mas, afinal, o que significa «estivemos lá»? O que aconteceu a essas duas semanas passadas em França que, hoje, mal cabem em meia dúzia de recordações? Um ataque de fome repentina junto à muralha de uma cidade medieval ou, então, um vislumbre de um serão numa tasca sob um telhado coberto de parreiras. O que aconteceu à Noruega? Dela resta apenas a água fria de um lago num dia que não queria acabar, a alegria causada por uma cerveja comprada mesmo antes de a loja fechar, ou a primeira visão estonteante de um fiorde.

– Aquilo que eu vi é meu – concluiu aquele homem, de repente animado, batendo impetuosamente com a mão na coxa.

Orientação a Partir de Cioran

Outro homem, tímido e gentil, quando viajava em serviço, levava sempre consigo um livro de Cioran, um daqueles com textos muito breves. Já no hotel, guardava-o na mesa-de-cabeceira e, mal acordava, abria-o ao acaso e, assim, encontrava o lema para o dia que começava. Aliás, ele era de opinião que, na Europa, os exemplares da Bíblia existentes nos hotéis deviam ser substituídos quanto antes por livros de Cioran

– desde a Roménia até à França – porque, no que toca a vaticínios, a Bíblia já perdera a sua actualidade. Que ganhamos nós se, por exemplo, incautamente nos calhar o seguinte verseto numa sexta-feira de Abril ou numa quarta-feira de Dezembro? «Todos os utensílios destinados aos serviços do santuário, todas as suas cavilhas, e todas as cavilhas do átrio serão de cobre» (Ex 27-19). Como é que haveríamos de interpretar este texto? Aliás, ele próprio reconhecia que os livros não tinham de ser forçosamente de Cioran e, olhando para mim com ar de desafio, sugeriu:

– Faça o favor de me propor outra leitura.

Não me ocorreu nada. E foi então que ele tirou da mochila um livrinho fino, muito usado, abriu-o numa página ao acaso e, logo a seguir, o seu rosto iluminou-se, lendo com satisfação:

– «Em vez de prestar atenção ao rosto dos transeuntes, olhei para os seus pés e reduzi todas aquelas pessoas apressadas a passos acelerados que se precipitam... mas para onde? E pareceu-me claro que a nossa missão consiste em levantar poeira em busca de um mistério trivial.»

Kunicki. Água I

Ainda não é meio-dia; ele não sabe bem que horas são, porque não olhou para o relógio, mas está à espera, ao que parece, há não mais do que um quarto de hora. Recosta-se confortavelmente no assento do carro e fecha os olhos; o silêncio é estridente como um som implacavelmente alto e não lhe permite organizar os pensamentos. Ainda não sabe que o som do silêncio é igual ao de um alarme. Afasta o banco do volante e estica as pernas. Pesa-lhe a cabeça, o corpo é arrastado por esse peso e tomba naquele ar quente e branco. Não vai mexer-se, vai esperar.

Deve ter fumado um cigarro, talvez até dois. Passados uns minutos sai do carro e urina para a vala à beira da estrada. Parece-lhe que não passou nenhum carro naquele momento, mas já não tem a certeza. Depois, volta para o carro e bebe água numa garrafa de plástico. Por fim, começa a impacientar-se. Buzina violentamente e o som ensurdecedor acelera-lhe uma onda de raiva que, de certo modo, o traz

de volta à realidade. A partir desse momento, passa a ver tudo mais detalhadamente: vai atrás deles por um trilho, fantasiando distraidamente as palavras que dirá: «Que diabo andaram vocês para aí a fazer? Quanto tempo?»

Encontra-se num olival, seco como o pó. A erva estala sob as sandálias. Por entre as oliveiras retorcidas, crescem amoreiras silvestres; brotos tentam deslizar até ao trilho e agarrar-lhe as pernas. Há lixo por todo o lado: lenços de papel, pensos higiénicos repugnantes, excrementos humanos cobertos de moscas. Pelos vistos, houve mais quem parasse pelo caminho para fazer as necessidades e não se desse ao trabalho de se adentrar na mata – mesmo ali, todos têm pressa.

Não há vento. Não há sol. O céu branco e imóvel faz lembrar o tecto de uma tenda. O ar está abafado. Há partículas de água que se elevam no ar e a maresia sente-se por todo o lado – um cheiro eléctrico a ozono e a peixe.

Vê um movimento, não entre os arbustos, mas aqui, junto aos pés. No trilho aparece um enorme escaravelho preto, que, por um instante, examina o ar com as antenas e, tendo percebido a presença humana, ali fica parado. O céu branco reflecte-se na sua carapaça perfeita como uma mancha láctea e Kunicki tem a impressão passageira de que o escaravelho é um estranho olho sem corpo que o observa a partir do solo, um olho caprichoso e desinteressado. Kunicki roça ligeiramente o solo com a biqueira da sandália. O escaravelho atravessa o trilho a correr, farfalhando por entre as ervas ressequidas, e desaparece no meio das amoreiras. É tudo.

Kunicki, praguejando, volta para o carro e, pelo caminho, ainda tem esperança de que ela e o rapaz já tenham regressado por um desvio qualquer, sim, tem a certeza disso e vai dizer-lhes: «Há uma hora que ando à vossa procura! Que diabo andaram vocês para aí a fazer?»

– Pára o carro – dissera ela.

Quando ele parara, ela saíra e abrira a porta traseira. Desapertara o cinto da cadeirinha do automóvel, pegara na mão do filho e afastara-se com ele. Kunicki não tinha vontade nenhuma de sair do carro,

sentia-se sonolento e cansado, apesar de terem feito apenas alguns quilómetros. Olhara para os dois pelo canto do olho, distraidamente, sem saber que deveria ficar a observá-los. Tenta, agora, evocar essa imagem toldada, focá-la, aproximá-la e retê-la. E vê os dois de costas a caminhar sobre aquele trilho rangente. Tem ideia de que ela traz umas calças de linho claras e uma blusa preta, enquanto o miúdo está com uma t-shirt de malha com a imagem de um elefante; disso tem a certeza, pois foi ele quem lha vestiu de manhã.

Caminhando, mãe e filho falam um com o outro, mas ele não os ouve; não sabia que deveria ter ficado à escuta. Desparecem por entre as oliveiras. Não sabe quanto tempo durou tudo aquilo, mas sabe que não foi muito. Um quarto de hora, talvez um pouco mais, perde-se no tempo, não olhara para o relógio, não sabia que deveria ter controlado o tempo. Odiava quando ela lhe perguntava: «Em que estás a pensar?» Costumava responder que em nada, mas ela não acreditava. Dizia que não era possível não pensar em nada e ficava ofendida. Mas, sim, agora Kunicki sente uma espécie de satisfação — ele realmente consegue não pensar em nada. É capaz de o fazer.

Logo a seguir, detém-se, de repente, no meio das silvas de amoreiras-silvestres, e fica imóvel como se o seu corpo, ao nível dos rizomas das amoras, encontrasse involuntariamente um novo ponto de equilíbrio. O silêncio é acompanhado pelo zumbido das moscas e por um burburinho na sua cabeça. Por um instante, vê-se a si próprio do alto: um homem vestido com umas banais calças-safari e uma camisa branca, ligeiramente calvo no topo da cabeça, parado no meio das moitas, um intruso, um hóspede em casa alheia. Um homem exposto às balas do inimigo, lançado no centro de um cessar-fogo provisório durante uma batalha travada entre o céu ardente e a terra ressequida. É assaltado pelo medo; gostaria de se abrigar imediatamente, de se esconder no carro, mas o corpo ignora-o, impedindo-o de mexer as pernas e de se obrigar a andar. Dar um passo — jamais pensara que fosse tão difícil; as ligações entre o cérebro e os membros estavam interrompidas. Os pés enfiados nas sandálias são âncoras que o prendem à terra e aí fica preso. Conscientemente, com muito esforço e admirado consigo

mesmo, obriga as pernas a mexer-se. Não há outra maneira de sair daquele imenso espaço abrasador.

Tinham chegado no dia 14 de Agosto. Num *ferry* de Split a abarrotar: muitos turistas, mas a maioria era gente local. Os habitantes locais levavam compras feitas no continente, onde as coisas eram mais baratas. Nas ilhas, os produtos da agricultura são escassos. Era fácil distinguir os turistas porque, quando o Sol inevitavelmente começou a mergulhar no mar, passaram para estibordo com as objectivas em riste, apontando para o astro. O *ferry* passava devagar por entre as ilhas dispersas e, depois, deu a impressão de entrar em mar aberto. Um sentimento desagradável, um brevíssimo e ligeiro momento de pânico.

Encontraram sem dificuldade a pensão onde iriam ficar; chamava-se Poseidon. O proprietário, um barbudo de nome Branko, trajava uma camisola com uma concha e pediu que o tratassem pelo nome próprio. Dando umas pancadinhas afáveis nas costas de Kunicki, levou-os até a um dos andares de um estreito prédio de pedra à beira-mar e, orgulhoso, mostrou-lhes o apartamento. Tinham à sua disposição dois quartos e, num canto, uma *kitchenette*, um espaço mobilado tradicionalmente com pequenos armários de contraplacado. As janelas davam directamente para a praia e para o mar. Debaixo de uma delas, acabara de florir uma piteira – a flor, firmemente implantada no caule, elevava-se triunfalmente acima da água.

Tira o mapa da ilha e pondera as possibilidades. É possível que ela tenha perdido o sentido de orientação e saído para a estrada em outro sítio. Provavelmente, estará parada algures, talvez à espera de que passe um carro para o mandar parar e ir – para onde? Repara que, no mapa, a estrada para a vila de Vis é sinuosa e atravessa toda a ilha, contornando-a sem se aproximar muito do mar. Assim tinham passeado por Vis poucos dias antes.

Pousa o mapa no lugar onde ela se sentava, sobre a mala dela, e põe-se em marcha. Conduz devagar, procurando por eles entre as oliveiras. Mas, passado um quilómetro, a paisagem muda radicalmente: o olival

cede lugar a baldios pedregosos cobertos de ervas secas e amoreiras-silvestres. As pedras brancas de calcário parecem dentes enormes que um ser selvagem perdeu pelo caminho. Após alguns quilómetros, Kunicki volta para trás. Do lado direito, vê agora vinhedos estontantemente verdes e, no meio deles, aqui e ali, erguem-se cabanas vazias e sombrias para guardar alfaias. Na melhor das hipóteses, ela perdeu-se; mas talvez tenha desmaiado — ela ou o filho —, já que o ar está tão abafado e faz tanto calor. Talvez precisem urgentemente de ajuda e ele, em vez de fazer algo, anda para ali às voltas no carro. Oh, que estúpido, só agora se deu conta. O coração bate-lhe mais rápido. Talvez tenha apanhado uma insolação. Ou partido uma perna.

Regressa ao carro e buzina várias vezes. Passam por ele dois automóveis alemães. Vê que horas são. Já passou mais ou menos uma hora e meia, o que significa que o *ferry* já partiu. Engoliu os automóveis, subiu as portas e, como poderoso navio branco que era, fez-se ao mar. A cada minuto que passa, extensões cada vez maiores daquele mar indiferente separam Kunicki do *ferry*. Tem um mau pressentimento que lhe faz secar a língua, pressentimento esse que se prende com o lixo junto à estrada, com as moscas e os excrementos humanos. Compreende, então. Eles desapareceram. Levaram sumiço. Sabe que não se encontram entre as oliveiras, mas, ainda assim, põe-se a correr por aquele trilho ressequido, gritando por eles sem acreditar que lhe respondam.

É hora da sesta, a vila está quase vazia. Na praia, mesmo junto à estrada, três mulheres lançam um papagaio azul. Consegue vê-las nitidamente ao estacionar o carro. Uma delas veste umas calças bege-claras justas, que se colam às nádegas grandes.

Kunicki encontra Branko sentado à mesa de um pequeno café, acompanhado de dois homens. Estão a beber *palinca* com gelo, tal como se bebe uísque. Ao vê-lo, Branko sorri, surpreendido.

— Esqueceste-te de alguma coisa? — pergunta.

Oferecem-lhe uma cadeira, mas ele não se senta. Quer contar tudo desde o princípio e passa a falar inglês, ao mesmo tempo que, noutra parte do cérebro, fica a pensar que, se acaso fosse um filme, o que se

faria naquela situação. Começa por dizer que eles desapareceram – Jagoda e o filho. Conta onde e como. Diz que os procurou e não os encontrou. Então, Branko pergunta-lhe:

– Discutiram?

Responde que não, o que corresponde à verdade. Os dois homens continuam a beber *palinca*. Também lhe apetecia. Sente na boca um sabor agridoce. Branko recolhe lentamente da mesa o maço de tabaco e o isqueiro. Os outros dois homens também se levantam, a contragosto, como quem se prepara para uma batalha ou simplesmente porque preferiam continuar ali sentados à sombra do toldo. Vão todos até ao local, mas Kunicki insiste que primeiro é preciso avisar a polícia. Branko hesita. A sua barba preta é raiada por pêlos grisalhos. Na sua camisola amarela, ressalta a imagem vermelha da concha e da inscrição *Shell*.

– Talvez ela tenha descido até à praia.

Talvez tenha descido. Decidem, então, que Branko e Kunicki voltam ao local e os outros dois homens vão até à esquadra para telefonar para Vis. Branko explica que em Komiza só há um agente da polícia e que a esquadra se encontra em Vis. Em cima da mesa, ficam os copos e o gelo a derreter.

Kunicki reconhece sem dificuldade a pequena enseada junto à estrada, onde pouco antes estivera. Parece-lhe que tudo aconteceu há séculos. O tempo decorre agora de maneira diferente; é denso e amargo, formado por seqüências. Por detrás das nuvens brancas, o Sol desponta e, subitamente, faz muito calor.

– Apite – diz Branko, ao que Kunicki pressiona a buzina.

O som é longo e pesaroso como a voz de um animal. Cessa gradualmente e desfaz-se em minúsculos ecos de cigarras.

Caminham pelo olival, gritando em intervalos regulares. Cruzam-se apenas junto à vinha e, após uma curta troca de palavras, resolvem atravessá-la de ponta a ponta. Avançam por entre as fileiras sombrosas, chamando pela mulher desaparecida:

– Jagoda! Jagoda!

Kunicki apercebe-se do significado daquele nome próprio em polaco; esquecer-se do primeiro sentido do nome comum *jagoda* – baga da

floresta – e, de repente, tem a sensação de estar a tomar parte num ritual ancestral, vago e grotesco. Dos arbustos das videiras pendem cachos de uvas roxas, inchadas, como perversos mamilos multiplicados, enquanto ele vagueia por aquele labirinto de folhas a gritar «Jagoda», «Jagoda». A quem se dirige? De quem anda à procura?

Precisa de parar por um instante; sente uma pontada de lado e a dor faz com que dobre o tronco entre as vinhas. Mergulha a cabeça naquela sombra refrescante e, camuflado na folhagem, deixa de ouvir a voz de Branko. Ouve agora o zumbido das moscas – o tão conhecido invólucro do silêncio.

A seguir a uma vinha, segue-se outra, separada apenas por um trilho estreito. Param os dois e Branko faz uma chamada do telemóvel. Repete duas palavras *žena* – «mulher» – e *dijete* – «criança» –, as únicas que Kunicki é capaz de entender. O Sol adquire uma cor alaranjada; grande e inchado, vai enfraquecendo a olhos vistos. Daqui a pouco será possível olhar para o seu rosto. As vinhas, por sua vez, adquirem uma intensa cor verde-escura e, neste mar de faixas verdes, estão estacadas duas figuras humanas, impotentes.

Ao entardecer, já há na estrada vários automóveis e um grupo de homens. Kunicki está sentado num carro identificado como «Policija» e, com a ajuda de Branko, responde às perguntas, que lhe parecem caóticas, feitas por um agente grande e suado. Vai dizendo num inglês rudimentar: «We stopped. She went out with our child. They went right, here», indica o local com a mão. «I was waiting, let's say, fifteen minutes. Then I decided to go and look for them. I couldn't find them. I didn't know what has happened». Dão-lhe uma água mineral morna e bebe-a avidamente. «They are lost». E acrescenta mais uma vez: «lost». O polícia faz uma chamada do telemóvel. «It is impossible to be lost here, my friend», diz-lhe, enquanto espera pela ligação. Kunicki fica impressionado com aquele «my friend». A seguir, ouvem-se vozes no *walkie-talkie*. Antes de se porem em marcha em linha frontal para o interior da ilha, passa mais uma hora.

Entretanto, o Sol intumescido descai sobre o vinhedo e, quando os homens chegam ao topo da ilha, já roça a superfície do mar. Involuntariamente,

tornam-se testemunhas de um poente em prolongamento operático. Por fim, os homens acendem as lanternas, mas é já às escuras que se movem pela encosta escarpada junto à margem da ilha, repleta de pequenas enseadas. Verificam duas delas, onde existem casinhas de pedra, habitadas pelos mais excêntricos turistas que não gostam de hotéis e preferem pagar mais para não terem nem água corrente, nem electricidade. Estas pessoas preparam as refeições em braseiros de pedra ou fogareiros com botijas de gás. Pescam peixes que saem directamente do mar para a grelha. Não, ninguém viu uma mulher com uma criança. Vão jantar e, nas mesas, aparecem pão, queijo, azeitonas e os pobres peixes que, naquela tarde, ainda se dedicavam despreocupados aos seus afazeres no mar. Branko vai fazendo telefonemas para o hotel de Komiža, a pedido de Kunicki, que acha que a mulher pode ter-se perdido e encontrado outro caminho para regressar ao hotel. Mas, após cada telefonema, Branko dá-lhe apenas uma palmadinha nas costas.

Por volta da meia-noite, o grupo de homens dispersa-se, ficando apenas os dois que tinham estado no café de Komiža e que Kunicki reconheceu. Ao despedir-se, apresentam-se: Drago e Roman. Depois, dirigem-se todos para o carro. Kunicki está-lhes agradecido pela ajuda, mas não sabe como manifestá-lo, esqueceu-se como se diz «obrigado» em croata; deve ser algo parecido com *djakuju* ou *djakuje*, ou coisa do género. A bem dizer, com um pouco de boa vontade poderiam criar em conjunto um *koiné* eslavo, uma lista de palavras eslavas parecidas e úteis para usar sem gramática em vez de martelarem aquela versão dormente e simplificada do inglês.

Durante a noite, uma barca atraca junto à casa dele. As casas têm de ser evacuadas, porque vem aí uma inundaçãõ. A água já alcançou o primeiro andar dos prédios. Na cozinha, a água infiltra-se nas juntas entre os azulejos e jorra das tomadas eléctricas, em pequenos fluxos mornos. Os livros incham com a humidade. Kunicki abre um deles e vê que as letras se esborram como a maquilhagem, manchando as páginas e deixando-as em branco. Dá-se conta de que todos já se tinham ido embora no transporte anterior e que só ele ficara para trás.

Continua a dormir, ouvindo agora as gotas da chuva que caem preguiçosamente do céu e que, logo a seguir, se transformam numa breve carga de água.

Benedictus, qui Venit

Abril, na auto-estrada, raios de sol vermelhos no alcatrão, o mundo cuidadosamente coberto com a calda da chuva recente, qual bolo de Páscoa coberto de *glacé*. É Sexta-feira Santa, fim de tarde, algures entre a Bélgica e a Holanda. Sigo no meu carro sem saber exactamente em que país estou, porque o marco da fronteira, desnecessário, desapareceu, sumiu de vez. A estação de rádio transmite o «Requiem». Quando chega ao *Benedictus*, acedem-se os lampiões da auto-estrada, como se quisessem validar a bênção involuntária que chegava até mim através do rádio.

Mas, a bem dizer, tal podia apenas significar que já me encontrava na Bélgica, onde, para satisfação dos condutores, existe o simpático costume de iluminar as auto-estradas.

Panopticum

O *Panopticum* e a *Wunderkammer* constituem um considerável par que, conforme fiquei a saber através do guia de um museu, antecedeu a existência dos museus. Eram ambos exposições de colecções de todo o tipo de curiosidades, trazidas pelos seus proprietários de viagens mais próximas ou mais distantes.

Todavia, não nos devemos esquecer que *panopticum* não é o mesmo que *panopticon*, o termo cunhado por Bentham para designar o seu genial sistema de vigilância de prisioneiros, uma edificação que ele almejava construir e que permitia observar constantemente todos os prisioneiros.

Kunicki. Água II

– A ilha não é assim tão grande – diz na manhã seguinte Djurdžica, a mulher de Branko, enquanto lhe deita um café forte e espesso na chávena.

Todos repetem o mesmo como um mantra. Kunicki compreende o que querem dizer, ele próprio o sabe – a ilha é demasiado pequena para alguém se perder. Tem pouco mais do que dez quilómetros de comprimento e apenas duas localidades de maior dimensão, as vilas de Vis e Komiza. Pode ser explorada com precisão, centímetro a centímetro, como uma gaveta. E as pessoas de ambas as vilas conhecem-se todas muito bem. As noites são quentes, nos campos crescem vinhas e os figos estão quase maduros. Mesmo que se tenham perdido, nada poderá acontecer-lhes; não vão morrer à fome, nem de frio; não serão devorados por animais selvagens. Quando muito, passarão uma noite cálida deitados sobre ervas ressequidas e quentes, sob uma oliveira a ouvir o marulho sonolento do mar. A distância entre cada um destes lugares e a estrada não é superior a três ou quatro quilómetros. Nos campos, estão espalhadas casinhas de pedra com barris e prensas para o vinho, algumas das quais providas de comida e velas. Ao pequeno-almoço, poderão comer um cacho de uvas maduras ou fazer uma refeição normal com os turistas instalados numa das enseadas.

Kunicki e Branko descem até ao hotel, onde os aguarda um outro polícia mais novo. Por instantes, Kunicki tem esperança de que traga boas notícias, mas ele pede-lhe apenas o passaporte. Copia com cuidado os dados e diz que também irão procurá-los no continente, em Split. E noutras ilhas das redondezas.

– Podiam ter ido pela costa – explica.

– Ela não tinha dinheiro. *No money*. Está tudo aqui – diz Kunicki, mostrando a mala de mão da mulher e tirando de lá a carteira, vermelha, bordada com missangas. Abre-a e estende-a ao polícia, que encolhe os ombros e anota a morada deles na Polónia.

– Que idade tem a criança?

Kunicki responde que tem três anos.

Vão de carro pelo mesmo caminho em serpentina. O dia promete ser abrasador e luminoso, como a chapa fotográfica de um negativo que, exposta à luz, perde as imagens nela gravadas. Kunicki pensa, agora, na possibilidade de ver de cima, a partir de um helicóptero, tanto mais que a ilha está praticamente despida. Também pensa nos *chips* que se colocam nos animais, em pássaros migratórios, cegonhas e grouns, mas que não estão disponíveis para as pessoas. Todos deviam ter um *chip*, para sua própria segurança; assim, seria possível seguir qualquer movimentação humana pela Internet – os trajectos, os locais de descanso, os desvios. Quantos não teriam assim escapado à morte! Diante dos olhos, surge-lhe uma imagem do ambiente de trabalho do computador – linhas coloridas, que indicariam as pessoas e os seus passos, vestígios contínuos, sinais. Círculos e elipses, labirintos. Talvez alguns desenhos em forma de oitos inacabados, talvez umas espirais defeituosas, subitamente interrompidas.

Desta vez, trouxeram um cão, um pastor alemão preto. Dão-lhe um casaco dela, que estava no banco traseiro do carro. O cão fareja em redor do carro e, depois, segue por um trilho entre as oliveiras. Kunicki sente, de repente, uma energia positiva: tudo se vai esclarecer. Correm atrás do cão. O pastor alemão pára no sítio onde eles devem ter feito as necessidades, embora ali não haja vestígios. O cão está satisfeito consigo próprio, mas, ó cão, isso não chega! Onde estão as pessoas? Para onde foram? O cão não entende o que querem dele, mas continua a andar, relutante, desviando-se do trilho, caminhando junto à estrada, afastando-se do vinhedo.

Afinal, ela andou junto à estrada, pensa Kunicki, deve ter-se enganado no caminho. Poderia ter saído para a estrada e esperado por ele a umas centenas de metros dali. Mas não ouviu a buzina? E depois? Talvez alguém lhes tenha dado boleia, mas, se não voltaram a ser vistos, para onde poderiam ter sido levados? Quem? Uma figura espadaúda, pouco clara, desfocada. Um raptó. Neutralizou-os e enfiou-os no porta-bagagem? Levou-os no *ferry* para o continente e, agora, já estão em Zagreb ou em Munique ou noutra sítio qualquer. Mas como poderia ter atravessado a fronteira, levando dois corpos inconscientes no porta-bagagem?

Entretanto, o cão desvia-se para um barranco árido, que parte da estrada em linha oblíqua, correndo por uma cavidade pedregosa do

terreno e descendo pelas pedras. Chega a uma velha vinha, pequena e descurada, onde está um casebre de pedra, semelhante a um quiosque, coberto com uma chapa ondulada e enferrujada. Diante da casa, encontra-se uma pilha de ramos de videira secos, provavelmente para serem queimados. O cão dá voltas em redor da casa, movimenta-se em círculos e regressa à porta de entrada, mas a porta está trancada com um cadeado – todos olham, surpreendidos. O vento trouxera ramos secos até à soleira da casa. Torna-se evidente o facto de que ninguém podia ter entrado por ali. O polícia olha para dentro da casa através dos vidros sujos e, depois, começa a abanar a janela, cada vez com mais força até que esta cede. Todos espreitam para dentro da casa e logo são atingidos pelo cheiro a mofo e a mar, impregnado por todo o lado.

O *walkie-talkie* começa a zunir, dão água ao cão e mandam-no cheirar o casaco outra vez. O cão dá mais três voltas em redor da casa, regressa à estrada e, a seguir, hesitante, começa a andar pelo mesmo caminho rumo aos pedregulhos, aqui e ali cobertos de ervas secas. Da falésia vê-se o mar. Estão ali todos os homens que participam nas buscas, com os rostos virados para o mar.

O cão perde o rasto, volta para trás e, por fim, deita-se no meio do trilho.

– *To je zato jer je po noći padala kiša* – diz alguém em croata e Kunicki percebe que falam do aguaceiro que caíra naquela noite.

Branko chega e leva Kunicki a almoçar já fora de horas. A polícia ainda fica por ali, mas eles descem até Komiža. Praticamente não falam. Kunicki percebe que Branko provavelmente não sabe o que lhe dizer, ainda por cima numa língua estrangeira, em inglês. O melhor mesmo é não dizer nada. Pedem peixe frito num restaurante à beira-mar; aliás, não se trata de um restaurante, mas da cozinha de um conhecido de Branko. Aqui, são todos seus conhecidos, até são todos fisicamente parecidos uns com os outros – têm traços acentuados, rostos fustigados pelo vento como uma tribo de lobos-do-mar. Branko serve-lhe vinho e incita-o a beber. Ele próprio bebe num trago o vinho que tem no copo. No final, não o deixa pagar. Recebe uma chamada.

FINALISTA DO NATIONAL BOOK AWARD 2018

O coração de Chopin é secretamente levado de volta para Varsóvia pela sua irmã; uma mulher vê-se obrigada a regressar à Polónia para envenenar o seu primeiro amor, moribundo numa cama; um homem começa a enlouquecer quando a mulher e o filho desaparecem misteriosamente, apenas para, do mesmo modo, reaparecerem subitamente — através destas e outras histórias e personagens, brilhantemente relatadas ou simplesmente imaginadas, *Viagens* explora, ao longo dos séculos, o significado de se ser um viajante, um corpo em movimento, não apenas através do espaço, mas também do tempo.

De onde provimos? Para onde vamos ou regressamos? Fascinante, intrigante e de uma originalidade rara, este livro é uma resposta sublime a todas estas questões, uma teia de reflexões que entretece ficção, memória e ciência. Uma exploração profunda sobre o corpo humano, a vida que surge, a morte e o movimento, levando-nos ao âmago do próprio significado de humanidade.

«*Viagens* tem ecos de W. G. Sebald, Milan Kundera, Danilo Kiš e Dubravka Ugrešić, mas Tokarczuk domina um registo, rebelde e habilidoso, muito seu.»

The Guardian

«A perspicácia da sua visão transforma o mundo, assim como o seu livro altera as formas convencionais de escrita.»

The New Yorker

ISBN 978-989-623-270-2
9 789896 232702



cavalo de ferro